

ACHADOS ARQUEOLÓGICOS NA VEIGA DE CIMA DE COVIDE

Amaro Carvalho da Silva

Texto publicado no mensário *Geresão* – Gerês, 20/6/2002, pp. 3 e 12.

Hoje a arqueologia é uma das disciplinas mais importantes da História. Sem ela não saberíamos interpretar os elementos deixados por civilizações existentes há milhares de anos. Através dela, muitos têm chamado a atenção para a importância das Terras de Bouro. Citemos o padre Matos Ferreira, o padre Martins Capela ou mesmo José Augusto Vieira, o célebre autor de *O Minho Pitoresco*. Nessa obra de 1886-1887, na página 470, refere-se: «Objectos de cerâmica têm-se encontrado bastantes em Covide, o que junto às tradições e lendas deve fazer acreditar, que não seriam talvez infrutíferas para a nossa história do passado todas as investigações metódicas que por esses lugares se fizessem.»

No momento em que querem destruir a Veiga de Cima, chão propiciador de toda a vida humana que existiu ao longo dos milénios nesta terra de montanha agreste, torna-se necessário recolher toda a informação arqueológica de modo a tomarmos consciência do que queremos. E todos os que valorizam a História, a Cultura e o Espírito querem a classificação da estrada imperial romana (Jeira), que atravessa toda a Veiga de Cima, como monumento nacional e da humanidade.

«Penedo da Santa»

O primeiro elemento arqueológico de elevado interesse cultural e religioso é o Penedo de Santa Eufémia. A tradição lendária liga-o ao martírio de Santa Eufémia, mas uma análise arqueológica objectiva vê-o como elemento de um santuário pré-histórico, talvez com 3.000 ou mais anos. Isto é, quando o cristianismo se afirmou, procurou destruir todos os cultos e rituais anteriores chamados pagãos e por isso sobrepôs a lenda de Santa Eufémia a um culto religioso anterior. A cristianização do Penedo e a construção da capela de Santa Eufémia significam isso mesmo. Aliás, no que respeita ao fenómeno da cristianização, este Penedo é exemplar a muitos títulos: o espaço das gravuras - espaço sagrado - está rodeado por um gradeado, no centro do Penedo existe uma avantajada cruz em pedra, ainda se fazem procissões à volta do Penedo, recentemente levantou-se um pequeno altar em pedra. A tudo isto se pode acrescentar que Santa Eufémia é a padroeira da maior festa religiosa e profana da aldeia.



Foto: Amaro C. Silva – 26/4/2002

Parece que o Penedo é o centro da aldeia desde há uns bons milhares de anos. Qual a divindade indígena que Santa Eufémia veio substituir? Este Penedo de Santa Eufémia, situado na Veiga de Cima, numa área designada por «Veiga da Santa» - e que bem se poderia estender ao todo e chamar-se «Veiga de Santa Eufémia» -, está intimamente ligado à Veiga pelo que significa de fixação da população e desenvolvimento da agricultura e da pastorícia. O Penedo só se explica e só se entende desde que se afirme a Veiga. Aliás, por ser a festa de Santa Eufémia a 16 de Setembro, na altura das colheitas (S. Miguel), não estará o culto da divindade indígena ligada às colheitas também?

A persistência do sagrado nesta área da Veiga é por demais evidente desde tempos imemoriais. Esperemos que agora não se contrarie uma ideia com milhares de anos. Por isso, é necessário organizar, limpar e preservar da melhor forma esse espaço para que todos o possam usufruir. Todos sabemos, por exemplo, que a actual estrada passa demasiado perto da capela de Santa Eufémia e que a área envolvente está demasiado elevada em relação ao pavimento da mesma capela. É preciso dignificar estas jóias para que todos saibamos gostar do que temos.

Calcedónia

O castro romanizado de Calcedónia está estreitamente ligado à lenda do martírio de Santa Eufémia e à Veiga que poderá ter o mesmo nome. Os povos pré-romanos que aí viveram necessitaram das veigas de Covide para praticarem a sua agricultura e a sua pastorícia. Pelo facto de se designar «cidade», pelas ruínas aí existentes e pelos achados arqueológicos, podemos afirmar que Calcedónia não é um castro qualquer. Calcedónia teve uma especial importância em toda a área pois parece ter sido um centro administrativo. Por sua vez, os

romanos aproveitaram esse castro, uma excelente atalaia, para aí instalarem uma das vigilâncias da estrada imperial (Jeira) que passa pelo meio da Veiga de Cima.

Neste castro, defendido por íngreme penedia e por uma grossa muralha, têm aparecido diversos objectos. Muitos têm sido os curiosos que já têm esgaravado nesse castro a ponto de diversas estruturas estarem em ruína cada vez mais acentuada. Restos de telha romana são frequentes. Esperamos que a abertura deste sítio ao turismo não leve à destruição irremediável do castro que ainda não foi devidamente estudado por arqueólogos.

«Crasto»

Mesmo em frente a Calcedónia, rumo a Ocidente, fica um outro castro ainda por descobrir. Dizem-nos as *Memórias Paroquiais de 1758*: «E se acha este Crasto em partes com sinal de muro de obra tosca, e em outras os mesmos penedos lhe servem de fortificação tem a entrada pela parte do poente indícios de um mal concertado portal, e mais por cima outros alicerces de três muros da mesma ordem. O alto é bastantemente ameno, porque ainda no maior rigor do estio, está coberto de uma verde relva, nascendo nela subterraneamente uma fonte, a qual vai sem aparecer por baixo do fraguado, etc. Não achei casas, nem alicerces delas, porém, examinando com miudeza, e mandando cavar alguma terra, para com verdade dar notícia, do que me é mandado, achei alguns brelhos, ou tijolos tão duros, mais que as próprias pedras.»

Ao lado deste castro situa-se o Castelo de Covide. Quer isto dizer que a Veiga de Cima fica coroada por dois castros e um castelo que a vigiam, a guardam e a reconhecem como bânção.

Castelo de Covide

A defesa da fronteira da Portela do Homem, ponto principal da entrada do "inimigo", foi, no período medieval, um caso singular no sistema defensivo português. Pelas *Inquirições* de 1220 e 1258, em caso de perigo de invasão todas as populações vizinhas da Jeira ficaram com a obrigação de defenderem a fronteira da Portela do Homem. Diz o padre Matos Ferreira no seu *Tesouro de Braga* - 1982, página 67: «[...] os Camponeses [...] estão obrigados, e todo o concelho de Terras de Bouro a defender a Geira na Portela do Homem à sua custa, com suas pessoas e fazendas; e por isso gozam de um privilégio concedido pelos Sereníssimos Reis de Portugal de não serem soldados em outras praças, nem de pagarem palhas, nem se lançar fintas, nem cavalos e éguas nos seus verdes e outras muitas cousas de que os isentam.» Nestes termos, o Castelo de Covide, também designado Castelo de Bouro, constituiu durante muito tempo uma estrutura de defesa da Jeira e do território português. Esse castelo, hoje com a sua estrutura completamente desaparecida, assumiu uma importância estratégica única na região.

Os camponeses vizinhos da Jeira sempre defenderam valorosamente o seu território, não constando que o inimigo tenha entrado no território pela Portela do Homem. Nem os franceses (1807 - 1811) por aí entraram! Os camponeses defenderam o seu território, que é como quem diz, as suas veigas, os seus rebanhos e as suas gentes. E eu acredito que vão continuar a defender o que é seu.

«Painel de barro»

Aí pelos anos 70 do século XX foi encontrado, por Domingos Pereira Antunes (Mineiro de Várzeas), um vaso em barro no sítio de Pombeiro, ao cimo da Veiga de Cima, aquando da reparação de um soccalco. Por intermédio do Sr. Manuel Joaquim Correia (1911 - 1995), este «painel» foi oferecido ao Major João D. S. Figueiredo Gaspar, residente em Lisboa, que ainda o conserva em sua posse. É de realçar que este vaso apareceu em sítio onde deveria ser o leito da

Jeira. Pelas cinzas que apresentava no seu interior, conforme dizem, pertencerá a um monumento funerário? Pré-romano?

«Forno de tijolo»

No *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal (vol.2, p. 431) refere-se: «Na aldeia de Covide apareceu pelos anos de 1855, em uma escavação, um forno construído de tijolo.» Onde seria o local? Forno de tijolo?

Telha romana

Por todo o lado aparecem fragmentos de telha romana. Ainda no passado mês de Março o meu conterrâneo e amigo Manuel Pereira Antunes (Mineiro de Várzeas) me ofereceu diversos pedaços de telha romana. Citemos alguns locais: campos de Prelada em Sá, propriedades de Maria Adelaide Freitas Soares e António Baptista Machado (Creto); Casal da Vide, na Veiga de Cima, propriedade da Casa Eiras; Cernadela, propriedade da Casa Eiras; centro da Veiga de Cima, na orla do Outeiro da Lameira; alicerces da casa de Lurdes dos Anjos Antunes Pereira (Luzia), ao cimo da Veiga e «leira grande», ao cimo da mesma Veiga. Os fragmentos de telha são muito abundantes quando se lavram os campos ou se faz uma qualquer obra.

Moedas romanas

O padre Matos Ferreira (Biblioteca Nacional, Lisboa, *Códice* 425, fl. 55-56.) refere-se a umas moedas romanas encontradas em Covide: «No ano de 1737, um agricultor do lugar de Freitas da freguesia de Covide, roçando mato no monte que fica por baixo da Cidade da Calcedónia, ou Castelo da Geira, achou muita quantidade de moedas romanas feitas de cobre, misturado com latão [...].»

Árula do Reconco

No dia 24/8/1982, no monte do Reconco, sobranceiro à Veiga de Cima, aquando das terraplenagens para a construção do campo de futebol, foi encontrada uma árula que actualmente se encontra depositada nos Paços do Concelho de Terras de Bouro. Quando foi desenterrada, a retroescavadora maltratou-a, possivelmente arrancando-lhe o texto.

Prospecções da Professora Mary Hesse

Com a finalidade de testar e aperfeiçoar um método de prospecção de edificações arqueológicas no subsolo, a Professora Mary Hesse da Universidade de Cambridge, tem percorrido a Jeira nos últimos anos. É um método baseado em campos magnéticos e que é idêntico ao usado pelos vedores na prospecção de água. No passado dia 27 de Maio de 2001 a Professora Mary Hesse esteve na Veiga de Cima e aí procedeu a algumas verificações.

Traçado da Jeira

É certo e seguro que a estrada imperial romana (Jeira) passava pelo meio do núcleo tradicional de Covide e pelo meio da Veiga de Cima. É natural que muitas construções existissem ao longo da estrada romana na área de Covide e das suas veigas. Poderemos até definir o seu traçado a partir do lugar de Sá: campos de Prelada - Cruzeiro de Sá - Casa do Galego - campo da família Cosme - junto à Casa Eiras para passar o ribeiro do Cruzeiro - Lameira, fugindo ao terreno alagadiço do Porgago e da linha de água da Lameira - casa de Lurdes dos Anjos Antunes Pereira (Luzia) - Jeirinha. Assinale-se que aquando da construção da casa de Lurdes dos Anjos Antunes Pereira, ao cimo da Veiga, muitos foram os fragmentos de cerâmica romana, sobretudo telha, aí encontrados. Segundo nos relatou Manuel Pereira Antunes (Mineiro) no passado mês de Março, aquando da abertura da fossa séptica da casa de Lurdes dos

Anjos A. Pereira, a uns 150 centímetros da superfície, apareceu uma camada nivelada de restos de cerâmica em toda a área escavada, tendo alguns trabalhadores recolhido vários fragmentos. A partir de certos indícios, também poderá levantar-se a hipótese de uma via secundária que, da Veiga de Cima, se dirigia por Rio Caldo à estrada Braga - Chaves.

Em tempo de candidatura da Jeira a património nacional e da humanidade é possível destruir um espaço tão significativo para a Jeira?

Conclusão

Uma vez que por todo o lado há sinais de elementos arqueológicos, será de bom senso nunca se erguer nenhuma edificação ou infra-estrutura, sobretudo da responsabilidade das autoridades locais ou entidades oficiais, sem uma prospecção arqueológica do terreno. A Veiga de Cima poderá trazer-nos algumas surpresas.

Destruir a Veiga é pretender arrasar esta memória e esta linda teia pontuada por monumentos de elevado interesse cultural, turístico e paisagístico. Só a ignorância e a insensibilidade são capazes de destruir um património que urge preservar. Defender a Veiga encerra uma postura cultural contra o vazio das medidas políticas, administrativas e urbanísticas que só pensam no betão e no alcatrão.

Há legislação aprovada que obriga a fazer-se prospecção arqueológica antes da realização de qualquer obra. Isto aplica-se à Veiga de Cima de Covide. Veja-se a Portaria n.º 269/78 que regulamenta e disciplina os achados arqueológicos encontrados em sítios sujeitos a obras de construção.

Desde que bem trabalhados todos os materiais arqueológicos da Veiga de Cima, poderíamos estabelecer - hoje muito em voga - um Centro de Interpretação da Via Romana em conjugação com elementos pré-históricos como o Penedo de Santa Eufémia e a Calcedónia. Julgo que esta ideia tem pernas para andar desde que existam interessados na preservação da história local e num turismo de qualidade. Massificar o turismo nesta área é o pior que pode fazer. A massificação é destrutiva e redutora.

Amaro Carvalho da Silva

3/5/2002